



Reflexões teóricas sobre indicadores linguísticos não-convencionais da enunciação na clínica de linguagem

Lourenço Chacon

Departamento de Fonoaudiologia, Universidade Estadual Paulista, Av. Hygino Muzzi Filho, 737, 17525-000, Marília, São Paulo, Brasil. E-mail: lourencochacon@yahoo.com.br

RESUMO. Neste artigo, falas de crianças que receberam diagnóstico fonoaudiológico de distúrbio de linguagem são interpretadas com base em ideias de Benveniste (1988, 1989) sobre o fenômeno da enunciação. Trata-se de falas de duas crianças, retiradas de situações de diálogo registradas em contexto de terapia fonoaudiológica. Essas situações foram concebidas como cenas enunciativas primordiais, já que, por corresponderem ao presente da enunciação, permitiriam situar primeiramente a relação *eu-tu*. Uma vez estabelecida tal relação, permitiriam também promover a organização temporal e espacial de outros eventos enunciativos mobilizados nessas cenas. A análise das falas das crianças mostrou, porém: (i) a ausência de marcas de pessoa; (ii) a ausência de marcas de temporalidade; e (iii) a ausência de marcas de espacialidade. No entanto, essas ausências chamaram a atenção para outras marcas, não-convencionais, de inscrição das crianças em suas falas. Trata-se, fundamentalmente, de fragmentos de canções e dramatizações – formas que instituem o poético como possibilidade daquela inscrição. Contudo, se, por um lado, essas marcas cumprem a função daquelas convencionais, por outro lado, elas reduzem, na fala das crianças, todo o vivido ao tempo do (seu) presente assim instituído, mesmo que (a maior) parte do vivido não tenha se desenvolvido na cena enunciativa primordial. Além disso, transportam qualquer vivido para o espaço físico da situação enunciativa em que, da perspectiva da criança, um vivido já ocorrido é projetado como estando ocorrendo.

Palavras-chave: aquisição de linguagem; enunciação; distúrbios de linguagem.

Theoretical reflections on non-conventional linguistic indicators of enunciation in language clinic

ABSTRACT. On this article, children's speeches diagnosed with language disorders are interpreted based on Benveniste's (1988, 1989) ideas about the phenomenon of enunciation. These are two children's speeches taken from dialogical situations registered in the context of speech therapy. These situations were understood as primal enunciative scenes, because, since they correspond to the present of enunciation, they would firstly enable situating the I-you relation. Once this relation is established, they would also enable the space and time organization of other enunciative events summoned on these speeches. The analysis of the children's speeches has shown, however: (i) the absence of person's marks; (ii) the absence of temporality's marks; and (iii) the absence of spatiality's mark. Nonetheless, these absences highlighted other marks, non-conventional ones, of children's registration in their own speeches. These are, fundamentally, fragments of songs and role playing – ways that institute the poetic as a possibility of such registration. Yet, if, on one hand, these marks fulfill the role of the conventional ones, on the other hand, they reduce, on the children's speeches, everything lived to the time of (their) present then instituted, even if (most) part of it had not developed in the primal enunciative scene. Besides, they transport anything lived to the physical space of the physical enunciation where, from the children's perspective, something already lived is projected as being happening.

Keywords: language acquisition; enunciation; language disorders.

Received on October 28, 2019.
Accepted on November 28, 2019.

Introdução

“[...] permanentemente preso ao presente o homem na redoma de vidro” (Lenine, 1993).

De que redoma se trata, essa, que mantém o homem num vidro, ‘permanentemente preso ao presente’? Ao final do presente texto¹, espero poder ter fornecido uma resposta satisfatória a essa indagação.

Mas, antes, explicitemos o contexto da questão. Durante 28 anos, fui responsável pela disciplina de Linguística Geral no curso de Fonoaudiologia da UNESP (*campus* de Marília). Nesse curso, tive a oportunidade de acompanhar de bem perto o processo clínico de várias crianças que receberam o diagnóstico fonoaudiológico de distúrbio de linguagem. Com base em Benveniste (1988, 1989), passei a conceber o espaço em que se desenvolve o processo clínico como instaurador de uma cena enunciativa primordial entre criança e terapeuta, na qual outras cenas enunciativas poderiam emergir na fala da criança.

É, então, meu objetivo no presente texto, descrever e analisar recortes tanto de cenas enunciativas primordiais quanto de outras cenas que emergem a partir daquelas na situação clínica. Espero, com a análise, chamar a atenção para a importância do pensamento benvenisteano para a interpretação de quadros considerados como patológicos de linguagem na infância que envolvem a língua e a enunciação.

Para tanto, relatarei situações que ex-orientandos meus, e também eu, vivenciamos com crianças que eles atenderam, e que receberam diagnóstico fonoaudiológico de ‘distúrbio de linguagem’. Passemos, pois, à descrição de tais situações.

Descrição dos dados

Uma ex-orientanda, que hoje desenvolve trabalho com crianças situadas no chamado espectro autístico e que sempre se intrigou com respostas tidas como descontextualizadas de crianças situadas nesse espectro, trouxe-me réplicas, sob a forma de fragmentos de canções populares ou folclóricas, que recebia de uma criança de quatro anos e meio – vou, aqui, chamá-la de Felipe. Destacarei duas dessas situações.

Na primeira, ela explicava a Felipe – que brincava de costas para ela – que aquele encontro seria o último do ano. Ela explicou a ele que ficariam um tempo sem se ver, mas que, passado um tempo, voltariam a se ver. Felipe ficou em silêncio por alguns instantes. Em seguida, levantou-se e dirigiu-se para onde estava a terapeuta e, olhando-a fixamente nos olhos, entoou os seguintes versos da canção *Três lados* (Rosa; Amaral, 2000), gravada pelo grupo mineiro Skank: “E quanto a mim / não é o fim / nem a razão / pra que um dia acabe [...]” ao que a terapeuta, após cantar com a criança esses versos da canção, respondeu: Sim, acabou hoje, mas a gente vai voltar.

Na segunda situação, Felipe recusava todas as propostas lúdico-terapêuticas, e se virava de costas para a terapeuta. Esta, então, passou a atirar pequenos brinquedos ao redor da criança, que, mostrando irritação, entoou: “Incomoda, incomoda, incomoda muito mais” – fragmento da canção folclórica “Um elefante incomoda muita gente”.

Passemos, agora, às minhas próprias vivências. Durante dois anos, acompanhei, no antigo Centro de Estudos da Educação e da Saúde da UNESP (*campus* de Marília), sessões de terapia fonoaudiológica desenvolvidas com crianças com diagnóstico de distúrbio de linguagem. Logo que conheci uma dessas crianças – vou chamá-la aqui de Renata –, interessei-me particularmente pelo modo como se desenvolvia a cena enunciativa entre ela e a terapeuta que a acompanhava. Para melhor entender as características dessa cena, busquei, então, informações sobre Renata em seu prontuário. Algumas informações que dele constavam mostraram-se, para mim, como particularmente significativas.

A primeira informação era a de que a mãe havia procurado atendimento fonoaudiológico porque sua filha tinha “[...] dificuldades de conversar” [*sic*]. Já a segunda dizia respeito aos aspectos da linguagem da criança que, segundo a estagiária/terapeuta que a avaliou, se mostraram defasados: “[...] em relação aos aspectos sintáticos, a p. [paciente] está um pouco atrasada em relação à sua idade cronológica, ‘pois muitas vezes não construiu frases corretamente, deixando de usar os conectivos adequados para cada frase que foi falada pela mesma’” (grifo nosso). Por fim, a terceira dizia respeito a atitudes da criança que chamaram a atenção da estagiária/terapeuta: “[...] a t. [terapeuta] tentou estabelecer um diálogo com a p., na tentativa de que a mesma narrasse algum fato. Isto não ocorreu, pois a p. só respondia o que era solicitado [...] A p. começou a cantar uma música, sem que a t. solicitasse nada a ela”.

Assim como fiz com Felipe, destacarei duas situações de Renata:

(1) ao tentar relatar que tinha ido encontrar-se com seu pai (Renata é filha de pais separados), ocorreu o seguinte diálogo entre ela (R) e a terapeuta (T):

¹ Trata-se de adaptação de relato de experiência profissional que originalmente produzi, sob o formato de prova escrita, como um dos requisitos para obtenção do título de Livre-docente em *Linguística em Fonoaudiologia* junto à Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP – *campus* de Marília.

T o teu pai vai na tua casa?
R o meu pai... o pai dela vai bastante

(2) noutra situação, ao tentar relatar à terapeuta uma situação inesperada pela qual havia passado, houve o seguinte diálogo:

T e o que aconteceu?

R (dramatizando sua própria reação) ai que susto...

R (dramatizando, com mudança prosódica, a reação do pai) então fica assim (fazendo gestos para se acalmar)

Passemos às questões que os dados de Felipe e de Renata suscitam.

Análise dos dados

Nas diferentes situações que exponho sobre Felipe e Renata, um fato comum se destaca: a não-convencionalidade no modo como se dá o “[...] ato de inscrição da criança como sujeito na linguagem” (Silva, 2009, p. 17), sobretudo quando colocada na posição de respondente. Embora Felipe e Renata se mostrem nessa posição de diálogo, não é com os recursos linguisticamente esperados que o fazem.

Com efeito, nas respostas de Felipe, emergem fragmentos não-analisados de canções – no sentido de que surgem em sua fala sem deslocamentos ou alterações dos elementos linguísticos de que se compõem esses fragmentos. Destaque-se, ainda, que eles emergem sem marcas de hesitação – as quais indiciam momentos em que

[...] a criança, enquanto sujeito falante, se dividiria entre aquele que fala e aquele que escuta sua própria fala, sendo capaz de retomá-la, reformulá-la e reconhecer a diferença entre sua fala e a fala do outro, assim como entre a instância subjetiva que fala e a instância subjetiva que escuta de um lugar outro (Lemos, 2002, p. 56).

Pode-se, pois, dizer que, colocado na posição de respondente, Felipe traz, para a cena enunciativa primordial, recortes linguísticos (no caso, sob a forma de fragmentos não-analisados de canções) de outras cenas de seu atravessamento pela linguagem.

Quanto a Renata, quando colocada na posição de respondente, e ao mostrar, em sua fala, situações que trazia de fora da cena enunciativa primordial, ela não projetava o dizer a partir dessa cena, mas, sim, projetava-se para cenas outras mobilizadas pelo dizer. E, ao fazê-lo, dramatizava o (seu) dizer, com variações prosódicas que identificariam vozes de diferentes personagens trazidas para a cena primordial. Destaque-se que, nas dramatizações, ela se movimentava criando, nessa cena, diferentes espaços (ao mesmo tempo físicos e enunciativos²), pelos quais supostamente circulariam as personagens. Em uma das situações, na qual ela se via numa mesa em que uma senhora arrumava suas unhas, ela mudava de lugar e de movimentação das mãos conforme reproduzisse a posição de cliente (oferecendo suas unhas para serem pintadas) e a posição de manicure (que passava o esmalte) – ambas as personagens desempenhadas por ela mesma.

Como ficou dito, apesar de Felipe e Renata se mostrarem como respondentes, não era com recursos linguisticamente esperados que o faziam. Mas quais recursos seriam esses?

Se considerarmos o motivo de a mãe de Renata ter procurado terapia fonoaudiológica e as características de linguagem que chamaram a atenção da estagiária/terapeuta que a avaliou, talvez tenhamos boas pistas para uma resposta. Relembre-se que a mãe procurou terapia porque, na sua visão, a filha tinha dificuldade para manter uma conversa. A estagiária/terapeuta, de algum modo, confirma essa visão da mãe, já que – repito suas palavras – “[...] tentou estabelecer um diálogo com a p., na tentativa de que a mesma narrasse algum fato. Isto não ocorreu, pois a p. só respondia o que era solicitado. [...] A p. começou a cantar uma música, sem que a t. solicitasse nada a ela [...]”³. No entanto, a estagiária/terapeuta deu destaque a outra característica da criança: um funcionamento não esperado da organização sintática de seus enunciados.

Uma coisa é o emprego das formas linguísticas; outra, o emprego da língua como um todo – diria Benveniste (1989).

² Diferentes espaços físicos porque, na sala em que se desenvolvia a cena enunciativa primordial, Renata delimitava (com brinquedos e com seus movimentos corporais) espaços por onde circulavam as personagens trazidas a essa cena. Diferentes espaços enunciativos porque Renata dramatizava a fala e as ações dessas personagens projetando-se para o lugar (físico) de onde supostamente elas enunciarão.

³ Da perspectiva da terapeuta, a paciente não fez a passagem dialogada para o ato que lhe foi solicitado na cena enunciativa primordial: narrar algum fato. Produziu-se, então, uma quebra no diálogo nessa cena, já que a criança institui uma nova cena, por meio do canto de uma canção – fato interpretado, pela terapeuta, como descontextualizado em relação à sua solicitação, já que ‘sem que a t. solicitasse nada a ela’.

Em outras palavras, o que chamava a atenção da mãe era a dificuldade de sua filha com o ‘emprego da língua como um todo’. De certo modo, também esse ‘emprego’ chamou a atenção da estagiária/terapeuta. Mas sua atenção voltou-se também para o ‘emprego das formas linguísticas’. Seriam dificuldades equivalentes, no sentido em que se situariam em um mesmo plano?

É com essa distinção que Benveniste (1988, 1989) introduz sua clássica formulação do conceito de ‘enunciação’: é na e pela enunciação que as formas linguísticas encontram sua razão de emprego – intuição que a mãe teve ao enunciar, ela mesma, a dificuldade da filha que lhe trazia desconforto, mas que não foi a única por parte da estagiária/terapeuta, já que, ao interpretar a dificuldade da criança, chamou-lhe a atenção também o emprego das formas (no caso, as sintáticas).

De que se trata a enunciação, esse conceito tão fundamental da teoria linguística? Vou abordá-lo pela sua formulação clássica – conforme antecipei, a de Benveniste (1988, 1989).

Enunciar “[...] é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização [...]”, por meio do qual o “[...] locutor [...] mobiliza a língua por sua conta” (Benveniste, 1989, p. 82). Mas, ao fazê-lo, emergem, no enunciado resultante desse ato, caracteres linguísticos específicos, os quais denunciam que se trata de um ato enunciativo justamente por mostrarem a inscrição de quem fala em sua fala.

Se levarmos em conta o estranhamento causado por formulações linguísticas de Felipe e de Renata tais como as elencadas acima, poderíamos dizer que ambos enunciam?

Vimos esse estranhamento na descrição que a estagiária/terapeuta fez de seu primeiro contato com Renata: “A p. começou a cantar uma música, sem que a t. solicitasse nada a ela”. Estaria, então, Renata, nesse momento de avaliação fonoaudiológica, mostrando-se de maneira descontextualizada, estereotipada? Mas não foi também com fragmentos de canções que Felipe, de algum modo, se mostrou à terapeuta que o atendia? E eram, esses fragmentos, semanticamente descontextualizados em relação às ações (verbais e não-verbais) de sua terapeuta?

Assim como os fragmentos de canções de Felipe em sessões de terapia, também o de Renata (no momento de avaliação de seus recursos de linguagem) pode mostrar mais do que a estagiária/terapeuta detectou em sua fala. Sobretudo porque, em momentos de terapia como os que destaquei acima, sua fala dá fortes indícios de que ela enuncia, já que, colocada em posição de respondente, ‘mobiliza a língua por sua conta’ ao dar voz aos diferentes personagens que sua fala traz para a cena enunciativa primordial. Mas, se ela assim o faz, de onde decorre o estranhamento que se pode atribuir ao seu dizer? Similarmente, de onde ocorre o estranhamento com os fragmentos de canções de Felipe?

Em ambos os casos, o estranhamento certamente decorre não do que Renata e Felipe dizem, mas de como eles o dizem e de como se inscrevem, nas palavras de Silva (2009), nesse dizer. Ou seja, embora se detecte nesses enunciados a tentativa das crianças de mobilizarem a língua, não emergem neles os caracteres linguísticos específicos de que trata Benveniste (1988, 1989).

Vejamos, então, de que caracteres se trata. Conforme antecipei, eles aparecem a partir de cada manifestação individual da língua por um locutor. No entanto, não surgem como uma consequência da enunciação, como um fato adicional dela: eles são também o seu fundamento.

Em primeiro lugar, para o autor, se destacam caracteres ligados à categoria de pessoa, uma vez que o ato individual de emprego da língua “[...] introduz, em primeiro lugar, o locutor como parâmetro nas condições necessárias da enunciação” (Benveniste, 1989, p. 83). Essa introdução, em situações consideradas como não-patológicas, só é possível, para Benveniste, na linguagem e pela linguagem, já que ela fornece ao homem sua constituição como ‘sujeito’. Nas palavras do autor, “[...] só a linguagem fundamenta na realidade, na ‘sua’ realidade que é a do ser, o conceito de ‘ego’” (Benveniste, 1988, p. 286, grifo do autor). Assim, a condição mesma da emergência da subjetividade que se mostrará como *eu* seria a linguagem que conferiria ao homem, por meio da enunciação. A subjetividade de que fala Benveniste é, portanto, “[...] a capacidade do locutor para se propor como ‘sujeito’” (Benveniste, 1988, p. 296, grifo do autor). Define-se, pois, como a “[...] unidade psíquica [...] que assegura a permanência da consciência” (Benveniste, 1988, p. 286).

Encontra-se, assim, na linguagem, o fundamento da subjetividade, que se determina pelo *status* linguístico da ‘pessoa’.

No entanto, na visão do mesmo autor,

A consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste. Eu não emprego ‘eu’ a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocação um ‘tu’. Essa condição de diálogo é que é constitutiva da ‘pessoa’, pois implica em reciprocidade – que eu me torne ‘tu’ na alocação daquele que por sua vez se designa como ‘eu’ (Benveniste, 1988, p. 286, grifos do autor).

Têm-se, assim, os índices específicos de *pessoa*, constitutivos da e produzidos pela enunciação, caracteres linguísticos como ‘eu’, ‘mim’, ‘me’, ‘meu’ – índices não detectáveis em Felipe. Com efeito, não se trata, em sua relação com a terapeuta, de uma cena enunciativa na qual o locutor mostre sua condição de sujeito sob a forma do índice linguístico de pessoa ‘eu’ (já que ele a mostra sob a forma de fragmentos de canções) nem a de seu interlocutor sob a forma do índice linguístico de pessoa ‘tu’. Também em Renata esses índices ora não emergem (já que, em momentos de relato, ela se transporta para a cena enunciativa narrada e a dramatiza) ora emergem de modo fragmentado, como se pode detectar no enunciado ‘o meu pai... o pai dela vai bastante’, no qual ‘ego’ é linguisticamente marcado no discurso ao mesmo tempo como pessoa (como ‘eu’) e como não-pessoa (como ‘ela’). Mais adiante, falaremos da distinção entre ‘pessoa’ e ‘não-pessoa’.

Na enunciação, a condição fundamental de pessoa é a de que cada locutor se apresente como ‘sujeito’, remetendo a ele mesmo como ‘eu’ no seu discurso. Mas, ao fazê-lo, eu postula, reconhece, outra pessoa, aquela que “[...] sendo embora exterior a ‘mim’, torna-se o meu eco – ao qual digo ‘tu’ e que me diz ‘tu’ (Benveniste, 1988, p. 296, grifo do autor). Essa polaridade de pessoas é, portanto, condição fundamental da linguagem, que se mostra na enunciação sob a forma de caracteres, além dos de primeira pessoa, também de segunda pessoa: ‘você’, ‘teu’, ‘te’, ‘ti’ etc. Atender a essa condição significa que, ao mesmo tempo em que se mostra, se percebe, como ‘eu’, o locutor deve sentir a reversibilidade de seu papel, já que, em outro momento, ele se deslocará e/ou será deslocado para a posição do ‘tu’ – o qual, por sua vez, se verá constituído como eu por essa mesma reversibilidade.

Há, no entanto, para esse autor, transcendência do ‘eu’ em relação ao ‘tu’. Embora condição de existência para o ‘eu’, o “[...] tu, real ou imaginário, individual ou coletivo” (Benveniste, 1989, p. 87), na verdade, é o elemento em função do qual o *eu* se percebe como diferente e, a partir desse deslocamento, cria sua identidade diferencial. Destaque-se, ainda, que não se trata, aqui, do ‘eu’ e do ‘tu’ enquanto categorias gramaticais – que se diferenciariam, também gramaticalmente, de outra categoria gramatical, aquela a que se chama de terceira pessoa. ‘Eu’ e ‘tu’ são, de fato, índices de ‘pessoa’, já que, numa cena enunciativa, ao mesmo tempo possibilitam sua existência e remetem ao locutor e ao alocutário dessa cena enquanto seres da enunciação. E, desse modo, em termos enunciativos, se opõem em natureza ao que, em termos gramaticais, se chama de terceira pessoa. Esta, do ponto de vista de Benveniste (1988, 1989), não é uma pessoa que mobilize a enunciação, que a possibilite. A terceira pessoa seria, ao contrário, uma não-pessoa (quer corresponda a pessoas ou a objetos ou a fatos), à qual as ‘pessoas’ que mobilizam a enunciação se referirão enquanto seres de discurso, e não enquanto participantes e mobilizadores reais da cena enunciativa.

Essa transcendência do ‘eu’ sobre o ‘tu’ criará, na enunciação, um eixo interno. Com efeito, é a partir da figura que se marca como ‘eu’ que se estabelecerão as demais coordenadas da enunciação. Como vimos, primeiramente o ‘eu’ implanta um outro/uma outra pessoa diante de si: o ‘tu’. A partir dessa implantação, instaura-se outro fato constitutivo da enunciação: a referência. Na verdade, instaura-se uma correferência, já que se trata, para o ‘eu’ e para o ‘tu’, de correferirem-se internamente ao mesmo referente. Observe-se, então, o que se pode interpretar como uma grande contribuição do pensamento de Benveniste (1988, 1989) para a ideia clássica de referência. Não se trata, a referência, de um ser de mundo, isolado da linguagem, ao qual a língua remeteria. Trata-se, na verdade, de um ser de linguagem, mais apropriadamente falando, de um ser da enunciação, convertido, portanto, ele mesmo, em linguagem.

Mas, na enunciação, o domínio da subjetividade se amplia, de modo a criar, além da pessoalidade, também a temporalidade. Destaquem-se, como caracteres linguísticos que remetem sempre à enunciação, os tempos verbais (do passado e do futuro), bem como advérbios e expressões adverbiais como ‘hoje’, ‘amanhã’, ‘na semana que vem’, ‘no ano passado’ etc., os quais remetem a eventos referenciados e ordenados a partir do presente da enunciação. Assim, sempre, axialmente, a linha temporal na enunciação faz coincidir o acontecimento descrito com a instância de discurso que o descreve – o que significa dizer que a marca temporal do presente só pode ser interior ao discurso. Em outras palavras, a enunciação – a partir do centro de referência eu-tu – estabelece as coordenadas temporais em função das quais se pode situar o dito. E, aqui, se pode explicar mais um estranhamento em relação à fala de Renata: a não-distinção temporal entre o vivido aqui-agora e o vivido que relata. Na sua enunciação, o vivido nem sempre é experienciado a partir do eixo real de enunciação (a cena enunciativa primordial), mas, sim, (re)vivido na própria cena em que ocorreu – sob a forma de dramatização. Só há, então, o vivido se sempre presente, mas não presentificado a partir dessa cena enunciativa, que engendraria, sob a forma de coordenadas temporais, os

diversos planos do vivido. Pelo menos até o ponto da situação de terapia fonoaudiológica de Renata que expus, os fatos do vivido não se organizavam em função do tempo de enunciação da cena terapêutica: o passado se mostrava como presente, e não com as marcas linguísticas temporais que o situavam como passado em relação ao presente da enunciação. Não tenho registro de nenhuma situação em que, a partir da cena enunciativa primordial, se configurasse um evento futuro. Mas seria de esperar também uma dramatização como resposta a uma eventual pergunta: “O que você vai fazer quando chegar em casa?”.

O domínio da subjetividade se ampliará de modo a criar, além da pessoalidade e da temporalidade, ainda a espacialização. Os assim chamados por Benveniste (1988, 1989) ‘índices de ostensão’ são esses caracteres linguísticos que delimitam as coordenadas espaciais da enunciação. Destaquem-se, a esse respeito, duas categorias e suas combinações: o pronome e o advérbio, tais como ‘isto’, ‘esse aqui’, ‘esse aí’ etc.

O dizer de Renata ressentia-se dessas marcas, assim como das de temporalidade (e mesmo, em muitos momentos, das de pessoa). Não existia, por exemplo, o ‘lá’, da outra cena, que se oporia ao ‘aqui’ da cena enunciativa.

Situação semelhante presenciei com uma senhora afásica. Ao lhe ser perguntado que atividade faria quando chegasse em sua casa, a senhora levantou-se e – parecendo reproduzir, na cena enunciativa primordial, a disposição espacial dos objetos da cozinha de sua casa – passeava por entre esses espaços imaginários (para o interlocutor) dizendo: “eu pego isso aqui” (fazendo o gesto de tirar uma faca de uma gaveta) “e corto esse negócio verde assim” (fazendo o gesto de cortar um maço de brócolis) e “depois eu coloco aqui” (fazendo o gesto de apanhar os pedaços do vegetal e colocando-os dentro de uma tigela). Trata-se, aqui, de uma condensação de temporalidades no presente da cena enunciativa primordial, já que, ao enunciar todas as suas ações no presente do indicativo, ao mesmo tempo a senhora responde a um evento futuro (“o que a senhora vai fazer quando chegar em casa?”) e a uma possível ação rotineira – a qual, portanto, remete a uma recorrência que se mostra no presente da enunciação como proveniente do passado.

Para quais direções apontam esses dados? A instituição, mesmo que ilusória, de uma figura enunciativa como a do ‘eu’ é de fundamental importância para a atividade linguística, assim como, ousar dizer, para a constituição como sujeito daquele que se verá como ‘eu’ a partir das condições fornecidas pela própria linguagem – na enunciação. Quando se observam fragilidades na constituição dessa figura, espraiam-se, na enunciação, os efeitos dessa fragilidade. É o que se viu, por exemplo, nos excertos de situações clínicas que descrevi, nos quais se verificam situações como:

- a ausência da marca de pessoa (ausência que só faz reforçar e sublinhar o valor e a força dessas formas ausentes);
- a ausência de marcas de temporalidade (ausência que reduz todo o vivido ao tempo presente, mesmo que parte dele não se desenvolva na cena enunciativa primordial);
- a ausência de marcas de espacialidade (ausência que, similarmente à da temporalidade, projeta o espaço físico do vivido à cena enunciativa primordial).

Dada a importância crucial dessas marcas em todo ato enunciativo, sua ausência na fala de Felipe e de Renata autorizaria a dizer que eles não enunciam? Ou, em outras palavras, que não se deu, com essa ausência, “[...] o ato de instauração da criança na linguagem” (Silva, 2009, p. 17). Ou, ainda, que a subjetividade não se inscreveu em sua fala? É negativa a resposta a essas questões. Especialmente porque uma escuta atenta dessas falas permite detectar, na ausência de marcas de enunciação características, a instauração de outras marcas de enunciação – não-convencionais, mas, como vimos, possíveis. Isso porque, para Benveniste (1989), ao se apropriar do aparelho formal da língua e enunciar sua posição de locutor, essa apropriação pode se dar “[...] por meio de índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios; de outro (Benveniste, 1989, p. 84). Embora o autor não especifique quais seriam esses procedimentos acessórios, o próprio fato de postular sua existência autoriza a pensar que, ou eles complementarizariam/acompanhariam os específicos (e convencionais) da enunciação, ou eles se mostrariam como formas alternativas de apropriação da língua.

Voltemos, então, a Felipe. Nas duas situações que expus, sua posição de respondente se mostrou sob forma de fragmentos de canções. A própria recorrência de tais fragmentos já indicia um modo particular de Felipe se inscrever como sujeito em sua fala: o linguístico recoberto pelo musical. Acresça-se, a essa recorrência, que não se trata de quaisquer fragmentos, já que se podem detectar, neles, conexões com a fala da terapeuta (na primeira situação que expus) e com a ação não-verbal de atirar objetos por parte da terapeuta (na segunda). Dito de outro modo, tais fragmentos, nas duas cenas enunciativas primordiais, podem ser caracterizados como réplicas construídas sob forma de ‘citações’ num processo de correferência:

na primeira, correspondendo à interrupção temporária do processo clínico entre a terapeuta e Felipe, enunciada pela terapeuta; na segunda, correspondendo a um duplo incômodo (o da terapeuta, com a não-atenção de Felipe à sua proposta, e o de Felipe, com a insistência da terapeuta em procurar sua atenção). Veem-se, portanto, nas 'citações' em ambas as cenas, relações enunciativas entre as pessoas 'eu-tu' (embora não-marcadas linguisticamente por seus índices característicos em Felipe) e a não-pessoa 'ele' (ou seja, as duas correferências).

Observe-se, ainda, que traços semânticos de separação, de desejo de retorno e de novo(s) encontro(s) no futuro, embora não-necessariamente presentes no fragmento de canção da primeira situação que expus, podem ser detectados na letra da canção – como nos versos “[...] meu desejo e meu destino brigaram como irmãos / e a manhã semeará outros grãos”; ou, ainda, “[...] e quanto a mim, te quero sim / vem dizer que você não sabe” (Rosa & Amaral, 2000).

Chama, também, a atenção a configuração rítmica do primeiro fragmento de canção que emerge em seu ato enunciativo de resposta: tal como interpretado pelo vocalista do grupo Skank, o fragmento pode ser dividido em quatro unidades rítmicas principais, sendo as três primeiras com a mesma organização estrutural. Com efeito, cada uma dessas três unidades é composta por quatro sílabas fonéticas (1. ‘e-quan-toa-mim’; 2. ‘não-é-o-fim’; 3. ‘nem-há-ra-zão’), as quais, por sua vez, se organizam, em cada unidade, em dois pés fonéticos de ritmo iambo⁴, a saber: (1) ‘eQUAN-toaMIM’; (2) ‘nãoÉ-oFIM’; e (3) ‘nemHÁ-raZÃO’). Outros tipos de similaridade, além da rítmica, se detectam nessas três unidades. Com efeito, a nasalidade espria-se nesses seis pés, já que ela se mostra na coda de quatro de suas sílabas proeminentes (‘quan’; ‘mim’⁵; ‘fim’; ‘zão’) e no ataque e na coda de duas não-proeminentes (‘NÃO’ e ‘NEM’). Além desse espriamento, quatro das seis proeminências recaem sobre sílabas estruturalmente complexas, já que todas elas são encerradas com coda (e sempre, como vimos, nasal). No entanto, a quarta unidade rítmica do fragmento (‘pra que um dia acabe’) rompe com essa rede de similaridades. Primeiramente, não são mais quatro sílabas em seu interior, como nas outras três unidades, mas seis: ‘pra-queum-di-a-ca-be’. Muda-se ainda a quantidade e a organização rítmica dos pés formados com essas sílabas: ‘PRAqueum-DIa-Cabe’. Como se vê, são três (e não mais dois) os pés que compõem a unidade, e não mais de configuração iâmbica, mas, sim, trocaica⁶. Por fim, a nasalidade se reduz a uma única sílaba (‘um’), nesse contexto em que cinco, dentre seis sílabas, são constituídas unicamente por fonemas orais: /p/, /r/, /a/, /k/, /e/, /d/, /i/, /a/, /k/, /a/, /b/, /e/.

Em síntese, observa-se no fragmento em análise uma macroestrutura contrastiva, de natureza fônica, que coloca em oposição: (1) uma primeira parte, formada de três unidades rítmicas compostas por seis pés iambs vs uma segunda parte, formada de uma única unidade rítmica composta por seis pés troqueus; (2) espriamento da nasalidade na primeira parte vs predomínio de fonemas orais na segunda parte. Ou seja, trata-se de um contraste marcado, em cada uma de suas partes, primordialmente pela recorrência (ou pela repetição) de elementos fônicos.

Curiosamente (?), também uma macroestrutura contrastiva é o que se pode observar no segundo fragmento de Felipe (‘incomoda, incomoda, incomoda muito mais’) composto por duas partes (‘incomoda, incomoda’) e (‘incomoda muito mais’).

Tal como correntemente entoado, sua primeira parte se estrutura como duas unidades rítmicas, compostas por três sílabas que se repetem, exceto pelo acréscimo do fonema /d/ em ‘din’: (1) ‘in-co-mo’; (2) ‘din-co-mo’. Essas três sílabas se organizam, em cada unidade, em dois pés fonéticos de ritmo anapesto⁷: (1) ‘in-co-MO’; (2) ‘din-co-MO’. Semelhantemente ao que ocorre com o primeiro fragmento acima analisado, a segunda parte deste segundo fragmento se contrasta, sobretudo em organização rítmica, com a primeira. Desta vez, ela se estrutura como uma única unidade rítmica, composta por sete diferentes sílabas fonéticas: ‘din-co-mo-da-mui-to-mais’. Estas sete sílabas, por sua vez, se organizam em quatro diferentes pés fonéticos, todos de ritmo troqueu: (1) ‘DIN-co’; (2) ‘MOda’; (3) ‘MUI-to’; (4) ‘MAIS’⁸.

⁴ Os pés iâmbicos se caracterizam como unidades rítmicas com proeminência (acento) em sua sílaba mais à direita. Esses pés são encontrados especialmente em dissílabos falados como um único pé fonético, como ‘café’ (‘ca / FE’), ou em quadrisílabos falados com dois pés fonéticos, como ‘concentração’ (‘conCEN / traÇÃO’). No caso das três unidades rítmicas destacadas do fragmento em análise, o pé iambo é verificado a cada duas sílabas em sequência, não-necessariamente da mesma palavra.

⁵ Em ‘mim’, além da coda, a nasalidade se mostra nos demais constituintes da sílaba, já que ela está presente em seu ataque (‘m’) e espriada foneticamente para o seu núcleo (‘i’).

⁶ Pés trocaicos se caracterizam pela proeminência em sua sílaba mais à esquerda. Caracterizam, assim, todas as palavras paroxítonas do português que se encerram com vogais, como, por exemplo, no slogan ‘CA-ma, ME-sa, BANho’.

⁷ Pés anapestos são estruturados por duas sílabas átonas (ou breves) e uma sílaba tônica (ou longa). Esses pés são encontrados especialmente em trissílabos falados como um único pé fonético, como ‘coração’ (‘co-ra-ÇÃO’).

⁸ Embora se trate de uma única sílaba (‘mais’), ela apresenta características rítmicas de um pé, pois, em sua estrutura, ocorre uma ramificação do núcleo silábico (‘ai’) seguida de coda (‘s’), fato que aumenta seu peso e, conseqüentemente, sua duração – que passa a corresponder, ritmicamente, àquela de duas sílabas simples (e leves) de natureza CONSOANTE-VOGAL (CV).

Se compararmos, pois, os dois fragmentos de Felipe, vemos, neles, uma macroestrutura contrastiva no interior da qual recorrências fônicas são particularmente significativas. Temos, portanto, fortes indícios de que a repetição de elementos fônicos, em contraste, seria a marca enunciativa da inscrição de Felipe em sua fala. Em outras palavras, justamente o aspecto fônico da língua seria o material significativo com que, pelo menos nesses momentos flagrados de cenas enunciativas primordiais, Felipe se projeta em seu dizer. É, portanto, aí, no fônico, transmutado em recurso poético, que emerge a (sua) subjetividade – a qual, na análise que fiz de suas marcas, se pode resgatar sobretudo em razão da sensibilidade da terapeuta, como interlocutora na cena enunciativa primordial, em não procurar o sujeito lá onde ele não está, ou seja, no convencional da enunciação. Trata-se de recurso poético no sentido de que, em ambos os fragmentos, observa-se uma “[...] projeção do princípio da equivalência na sequência” (Jakobson, 1995, p. 144), de tal modo que a equivalência se torna promovida a recurso estrutural e organizador da sequência. É o que se pode detectar, na contiguidade dos fragmentos de Felipe, sobretudo pelo contraste estrutural e pela recorrência rítmica (em ambos os casos), e pela recorrência dos traços distintivos nasal / oral (especificamente no primeiro fragmento).

Pode-se também pensar que o recurso da ‘citação’, em ambas as situações, decorre do que Maingueneau (2008) chama de destacabilidade das fórmulas. Com efeito, não foram quaisquer partes dos textos originais de duas canções que emergiram na fala de Felipe, mas, sim, aquelas que permitem, semântica e pragmaticamente, situar Felipe em correferência com a terapeuta. Observe-se, ainda, que os jogos/contrastes de sua estrutura fônica os aproximam da poesia, a qual “[...] mantém, por natureza, uma relação privilegiada com a destacabilidade” (Maingueneau, 2008, p. 76). Em outras palavras, tais características tornam destacável um fragmento e, como consequência, o formatam “[...] para uma virtual retomada citacional” (Maingueneau, 2008, p. 80).

E o que dizer de Renata? Embora em momentos de sua fala se detectem marcas convencionais de pessoa (como na oscilação ‘eu-ela’), também nela o poético pode ser tomado como (outra) marca de sua inscrição como sujeito em sua fala. Não, nesse caso, pela materialidade fônica da língua, mas pela representação, dramatizada, do vivido.

Conclusão

Iniciei o presente texto com um fragmento de canção de Lenine (1993): “permanentemente preso ao presente / o homem na redoma de vidro”.

E o que dizer desse fragmento, já que ele motivou a questão inicial desta minha reflexão?

Nas situações de linguagem em que a enunciação se dá em condições já convencionalizadas socialmente, a prisão ao presente talvez seja também uma não-prisão. É que a enunciação, no seu eterno presente, instaura as instanciações da pessoa, do tempo e do espaço do dizer, inscritas no próprio dizer. É o homem eternamente preso ao presente, mas àquele em que a redoma de vidro permite (ou possibilita) a estruturação dos diversos planos com que o dizer se pode organizar, e se mostrar como tal.

Mas, nas situações em que a linguagem se mostra em condições diagnosticadas como patológicas, o que mostra essa redoma? Pelo menos nas situações que apresentei, trata-se do sujeito eternamente preso a um presente, aquele que deixou de existir enquanto tal, mas do qual o sujeito não consegue se despregar.

Agradecimentos

A Juliana Bonatto Longo de Freitas e a Roberta Cristina Rodrigues Vieira, pela escuta atenta de Felipe, a qual me permitiu ver de um lugar outro seus fragmentos de canção; a Ivan Guilherme Hamouche, por me fazer perceber o caráter poético de suas falas; às preciosas sugestões de modificação do texto original feitas pelos dois pareceristas que o avaliaram; e a Manoel Luiz Gonçalves Corrêa, pela leitura e pelos valiosos comentários à versão original. As falhas que persistirem no texto são, obviamente, de minha responsabilidade.

Referências

- Benveniste, E. (1988). Da subjetividade na linguagem. In E. Benveniste, *Problemas de linguística geral I* (p. 294-293). Campinas, SP: Pontes.
- Benveniste, E. (1989). O aparelho formal da enunciação. In E. Benveniste, *Problemas de linguística geral II* (p. 81-90). Campinas, SP: Pontes.

- Jakobson, R. (1995). Linguística e poética. In R. Lakobson, *Linguística e comunicação* (20a ed., p. 118-162). São Paulo, SP: Cultrix.
- Lemos, C. T. G. (2002). Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 42, 41-69. Doi: 10.20396/cel.v42i0.8637140
- Lenine. (1993). Olho de peixe. In Lenine & Suzano, *Olho de peixe* [CD]. São Paulo, SP: Velas Produções.
- Maingueneau, D. (2008). *Cenas da enunciação*. Curitiba, PR: Criar Edições.
- Rosa, S., Amaral, C. (2000). Três lados. In Skank, *Maquinarama* [CD]. New York, NY: Chaos Recordings.
- Silva, C. L. C. (2009). *A criança na linguagem: enunciação e aquisição*. Campinas, SP: Pontes.